

Ciência, Filosofia ou Religião?

Obra de Rodin permite refletir sobre tríplice aspecto do Espiritismo

[Décio Iandoli Junior](#)

Estava eu visitando o museu de Rodin em Paris, quando deitei meus olhos sobre a obra "As Três Sombras"; achei intrigante o fato de o artista ter feito três homens apontando seus braços esquerdos para o mesmo lugar. Observando melhor, percebi o porquê do nome da obra; são três estátuas exatamente iguais em posições diferentes, apontando para uma mesma direção, evidenciando um mesmo objetivo.



Na obra "Porta do Inferno", pode-se notar acima outra obra de Rodin: "As Três Sombras", que apontam para a não menos famosa "O Pensador", como a convidar para a compreensão da verdade

Não sei por que, mas naquele momento pensei no dilema que vivem alguns espíritas sofrendo para classificar a doutrina como sendo uma ciência, uma filosofia ou uma religião, como se esta questão fosse uma espécie de "enigma" ou um "mistério", justamente no Espiritismo, que nos permite a possibilidade do total despojamento desta natureza de coisas, já que, em última análise, elas acabam por se transformar em dogmas a serem impostos.

Vi aquela obra, "As Três Sombras", como as três faces da ânsia do

conhecimento humano; lembre-se que tal idéia é um devaneio da minha mente e, provavelmente, nem passou pela idéia de Rodin na concepção da escultura. Vi aqueles três homens, diferentes em suas posições, mas iguais em seus objetivos, como a representação dos três grandes meios de busca da humanidade: busca do conforto intelectual, mas também espiritual, busca da harmonia e da felicidade, ou seja, busca da verdade, da verdade como conceito fundamental, busca da verdade como resposta às suas questões mais perturbadoras e ao mesmo tempo, e por isso mesmo, mais fundamentais para a sua homeostase psíquica.

A verdade; por definição, deve ser única e imutável; única, posto que se é verdade não pode ter uma outra versão ou uma outra possibilidade dentro daquela condição específica à qual existe e determina, e também imutável, posto que se é verdade, é constante dentro da realidade em que é aferida.

Esta verdade, a que me refiro, é o conhecimento humano, determinando a compreensão de si mesmo e do universo que o cerca, afastando o medo gerado pelo desconhecido e, conseqüentemente, determinando a serenidade, o equilíbrio, o bem-estar.

Esta procura pela verdade, como definida acima, é algo que sempre existiu na história da humanidade, pelo menos desde que o homem agregou condições suficientes para indagar sua origem e seu destino.

Vejo a ciência, a filosofia e a religião como caminhos, alternativas, ou modos de buscar esta verdade reveladora e acalentadora, pois se a ciência busca o alívio das dores humanas, o mesmo se dá com a religião e com a filosofia; entretanto, várias são as diferenças entre estes caminhos.

Iniciemos com uma análise da religião, que de certa forma pode ser considerada a mais antiga e a mais difundida maneira de busca, pois ao que deseja trilhar este caminho, basta que haja disposição para tal, pois não exige nenhum conhecimento prévio ou preparo intelectual, não solicita estrutura ou complexidade, apenas a reflexão íntima, partindo do princípio que determinado argumento encontra eco em seu coração e provoca bem-estar. Observe que não uso o termo religião como instituição, mas como ato ou intenção de religar-se, de retornar à origem, de chegar à causa de maneira praticamente imediata, usando como veículo a emoção, o sentimento, sem nenhuma necessidade de comprovação ou coerência, pois economiza etapas, levando aquele que crê diretamente à verdade que é reconhecida por seus anseios e nada mais.

É muito reconfortante, pois sacia nossa necessidade de saber, de tentar entender, sem que fiquem as angústias do desconhecido; entretanto, é um caminho bastante impreciso já que para usufruir de sua velocidade instantânea, desfaz-se de qualquer outro fator regulador ou controlador que não seja seu próprio veículo, qual seja, a emoção.

De uma maneira ou de outra, é possível admitir que se possam atingir condições totalmente equivocadas por este caminho, mas que tragam, mesmo assim, a sensação necessária para o bem-estar e a serenidade pretendidas e

almejadas. De qualquer modo, o objetivo final é aquela verdade que nos fará felizes.

Já a ciência pode ser considerada mais recente; nem por isso é nova e busca a tal verdade de maneira incessante, porém sem nenhuma pressa; entretanto, pensa obsessivamente na precisão, preocupa-se com o erro, resistindo por isso às conclusões finais óbvias e fáceis.

Tem como veículo a experimentação, não se contenta com os primeiros resultados, esperando sempre a confirmação que vem de mais experimentações, trilhando o caminho de forma vagarosa, mas confiante, muitas vezes podendo beirar a pretensão.

A ciência busca a verdade, todavia, não especula ou não acredita no que vai muito além do que possa ser medido ou observado naquele momento. É muito mais precisa e segura, mas não traz conforto imediato.

De uma maneira geral, temos a necessidade de ambas as formas de busca, pois podemos ir reformulando nossos conceitos religiosos pela evolução da ciência, corrigindo os rumos imediatistas da religião e ao mesmo tempo usando esta última como bússola na determinação da direção a ser pesquisada e experimentada.

No meio destas duas vias encontramos uma terceira, que nos parece fazer uma ponte entre as duas primeiras, a filosofia, que municia a ciência de hipóteses a serem experimentadas e sacia a religião, dando sentido aos seus conceitos emocionais. A filosofia usa como veículo a razão, portanto, experimenta pela observação as hipóteses que constrói, geradas por suas idéias e motivações. Seu laboratório é a mente e suas argumentações as ferramentas que constroem a verdade.

É um caminho intermediário que não tem a morosidade da ciência que necessita de tempo para a consolidação das suas idéias, mas não é tão rápido quanto a religião já que elabora seus conceitos e bases reais e racionais e não p mente emocionais.

A filosofia também busca a verdade e tem vários pontos de inter secção com os demais.

Voltando ao trabalho de Rodin eu diria que a figura do centro é filosofia, a da direita é a ciência e esquerda a religião; todos os três indicando o mesmo objetivo que é a compreensão da verdade.

Mais adiante, no mesmo museu, pude observar a obra "Porta do Inferno", onde várias outras figuras de Rodin, representam o "Inferno de Dante"; notei que os sombras estavam no ponto mais alto da obra e que apontavam para outra figura logo abaixo delas: "O Pensador".



**Obra "O Pensador", logo abaixo de "As Três Sombras",
como a indicar a magistral representação do intelecto
humano na busca de caminhos**

ficarão na

"O Pensador" de Rodin faz uma magistral representação do intelecto humano subjungando seu físico, sua força, alcançando sua verdade pelo pensar e pelo sentir, como mostrando que, independentemente da forma de busca, do caminho escolhido, da afinidade por esta ou aquela forma, ao atingir o objetivo final, não existirão mais diferenças, pois os caminhos ficarão para trás.

Ora, se três caminhos diversos convergem para um mesmo ponto, quanto mais próximos do ponto, mais próximos serão os caminhos, sendo bastante possível que em determinado momento possam confundir-se formando um caminho único.

Um caminho formado por três outros é único, não é nenhum dos três que o formou, mas é, ao mesmo tempo os três que lhe deram origem. É assim que vejo o Espiritismo, um ponto à frente da ciência, da filosofia e da religião, sendo portanto único, e ao mesmo tempo, os três.

É inútil tentar classificar o Espiritismo segundo os nossos conceitos antigos;

para entendê-lo é necessário transgredi-los, desenvolvê-los, mesclando as possibilidades de cada um, suprimindo as deficiências de um com as vantagens do outro, e se importando menos com a designação e mais com o conteúdo que, como podemos concluir, é revolucionário e, portanto, inicialmente desconfortável para muitas pessoas.

Abaixo do homem intelectualizado, transcendendo sua condição física, estão suas mazelas e dificuldades, inúmeras, porém superadas pelo pensador, que podem ser observadas nos detalhes da "Porta do Inferno" de Rodin, ou seja, o inferno é a ignorância, é a distância da verdade, que deve ser superada pelo esforço nas três frentes de busca, mas que será finalmente redimida pela luz do saber, do conhecer, do compreender.

Eis o privilégio ainda não bem entendido por alguns espíritas; privilégio explicitado por Kardec quando afirma que o Espiritismo é a um só tempo ciência, filosofia e religião; o privilégio de não precisar mais cindir-se em sua busca, de poder crer, ter fé, sem abdicar da razão e buscando na experimentação não só a confirmação, mas o entendimento, o detalhamento de tudo o que mais queríamos saber:

- De onde viemos? - Quem somos?

- Para onde vamos?

O autor é médico cirurgião, escritor com três livros publicados e membro da Associação Médico-Espírita de Baixada Santista; integra o Centro Espírita Dr. Luiz Monteiro de Barros, de Santos-SP.

Artigo publicado na Revista Internacional de Espiritismo, Ano LXXX, no 03. Matão, Abril de 2005 e reproduzido com autorização do autor